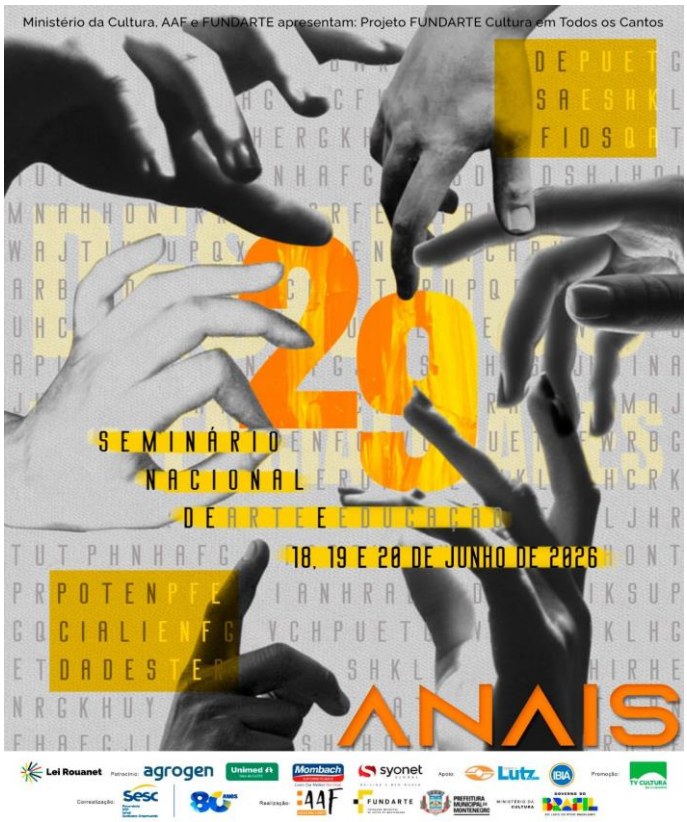

A TRANSFORMAÇÃO DOS “DESENHOS RECEBIDOS” EM “DESENHOS REQUENTADOS”: A (RE) PRODUÇÃO DE IMAGENS ESTEREOTIPADAS A PARTIR DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

PESQUISA FINALIZADA

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade.

João Pedro Zanin
Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/PR, Brasil

João Paulo Baliscei
Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/PR, Brasil

Eixo temático: Tecnologias

Resumo

Numa era digital, em que as subjetividades são atravessadas por tecnologias digitais, é possível tematizar as repercussões que esse contexto acarreta para a formação docente e para o cotidiano escolar. A partir da popularização do

ZANIN, João Pedro; BALISCEI, João Paulo. A TRANSFORMAÇÃO DOS “DESENHOS RECEBIDOS” EM “DESENHOS REQUENTADOS”: (RE)PRODUÇÃO DE IMAGENS ESTEREOTIPADAS A PARTIR DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE ISSN 2359-6120. Montenegro: Editora da FUNDARTE, e1926, Ano 2026

acesso à Inteligência Artificial Generativa - IAG, as “novas” imagens geradas intensificam uma crítica feita por Maria Letícia Rauen Vianna que, na transição do século XX para o XXI, cunhou a expressão “Desenhos Recebidos”. A partir desse conceito, a autora problematiza as imagens estereotipadas ensinados às crianças. Esta pesquisa tem como objetivo revisitar o conceito de “Desenhos Recebidos”, articulando-o com as imagens que têm sido geradas pela IAG nos contextos escolares. Para tanto, propõe-se o conceito “Desenhos Requentados”. Estruturalmente, o desenvolvimento do texto é dividido em duas partes. Inicialmente, apresentam-se os estudos realizados acerca dos “Desenhos Recebidos” em associação aos estereótipos e às tecnologias de reprodução de imagem. Posteriormente, elabora-se o conceito de “Desenhos Requentados”, associando-o aos desenhos pedagógicos produzidos por IAGs. Nas considerações, sublinha-se, por um lado, que se utilizada de modo generalizado, a IAG reproduz, com uma nova roupagem, os estereótipos da Cultura Visual escolar e, por outro, que expoentes da Arte Contemporânea têm experimentado modos mais criativos e resistentes de criar, ensinar e aprender com as IAGs.

Palavras-chave: Cultura Visual; Desenho Infantil; Formação de Professores.

Introdução

A peculiaridade a partir da qual as crianças criam aparece mesmo quando elas desenham e pintam sobre traços impressos, já estabelecidos, inclusive, a partir de representações estereotipadas - o que desafia concepções restritivas acerca do que seria um “desenho de criança”. As relações entre os desenhos das crianças e as realidades do espaço escolar é atravessada por tecnologias de reprodução de imagens, como observa Maria Letícia Rauen Vianna (1995). No texto *Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?*, a autora comenta que os estereótipos podem ser encontrados em diversos lugares, mas que é na escola que os holofotes lhes são direcionados e que o status de ícone lhes é garantido.

Nos espaços escolares, de modo geral, professores e professoras e demais sujeitos adultos parecem gostar das imagens estereotipadas e, a partir disso, com o tempo – e pela imitação e repetição - as crianças também são

ensinadas a valorizar esse tipo de visualidade. Sob essa lógica, a escola se configura como uma espécie de "[...] habitat natural dos estereótipos, um terreno fértil onde vicejam e se reproduzem à exaustão, sob o pretexto ou a ilusão de tornar o ambiente ou a aprendizagem mais atraente, agradável, interessante para a criança" (Vianna, 1995, p. 57).

Para se referir às imagens estereotipadas, Vianna (1995; 1999; 2010) desenvolve o conceito de "Desenhos Recebidos", explicando que essas são visualidades "passadas", de pessoa para pessoa, sem que se conheçam a sua origem, propósito e autoria. O conceito de "Desenho Recebido" foi desenvolvido pela autora em uma sequência de pesquisas, dentre as quais destacamos: *Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?* (1995); *Das "idées reçues" francesas aos "desenhos recebidos" brasileiros* (1999); e *Desenhando com todos os lados do cérebro* (2010).

Nesses estudos, a autora menciona e problematiza uma série de tecnologias de reprodução de imagem que possibilitam a produção e o compartilhamento dos "Desenhos Recebidos". *Poncifs*, papéis carbono e seda, mimeógrafos, xerox, *scanners* e impressoras são algumas das tecnologias pedagógicas utilizadas para esse fim. Tendo passado mais de 30 anos da publicação do estudo de Vianna (1995), somamos, à lista enumerada pela autora, outras tecnologias digitais, na contemporaneidade, têm potencializado a multiplicação de imagens estereotipadas: as redes sociais, os bancos de imagens, os aplicativos de edição e, em especial, as ferramentas de Inteligência Artificial Generativa - IAG.

A problematização das imagens estereotipadas vai ao encontro dos temas abordados pelos Estudos da Cultura Visual, um campo epistemológico que atua a partir de lentes de investigação que tensionam possibilidades acerca de como as imagens atravessam as subjetividades e (trans)formam os processos de ensino e aprendizagem contemporâneos. Luciana Borre (2010), em *As imagens que invadem as salas de aulas*, explica que os Estudos da Cultura Visual se caracterizam como um campo de investigação que manifesta

interesse por qualquer tipo de imagem, tais como pinturas, desenhos, esculturas, anúncios publicitários, brinquedos e cinema.

Interessam-se, também, pelos artefatos visuais presentes no espaço escolar, como murais, livros didáticos, atividades pedagógicas, cartazes ilustrativos, capas de cadernos, painéis, enfeites de datas festivas e cenários, como destaca Susana Rangel Vieira da Cunha (2014), em *Imagens na Educação Infantil como Pedagogias Culturais*. Nos últimos anos, dado as mudanças a partir do qual se cria imagens, os Estudos da Cultura Visual têm ampliado seus olhares para contemplar, em suas análises, os artefatos visuais decorrentes das tecnologias digitais contemporâneas. Fotografias, vídeos, postagens, *selfies*, imagens geradas por Inteligência Artificial – IA e memes da internet, são, também, objetos de análise desse campo de estudos, como destacamos em outra pesquisa, intitulada *Memetizando em sala de aula: memes, leitura de imagem e desafios da educação contemporânea* (Baliscei; Paulino, 2024).

A partir do incômodo causado pela reprodução dos estereótipos na Cultura Visual escolar - especialmente aqueles produzidos, reproduzidos e compartilhados pelos professores e professoras no espaço escolar realizamos a discussão proposta nesta pesquisa. O objetivo é revisitar o conceito de "Desenhos Recebidos", articulando-o com as imagens que têm sido geradas pela IAG nos contextos escolares. Para tanto, propomos o conceito "Desenhos Requentados". Estruturalmente, o desenvolvimento do texto é dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos os estudos realizados por Vianna (1995; 1999; 2010) acerca dos "Desenhos Recebidos", evidenciando as associações que a autora estabelece entre os estereótipos e as tecnologias de reprodução de imagem características do final do século XX. Na segunda, elaboramos o conceito de "Desenhos Requentados".

O conceito proposto por nós, como se verá mais adiante, considera a popularização do acesso à IAG e, em especial, os usos que professores e professoras têm feito dessa ferramenta para gerar imagens que, ao final, reproduzem estruturas estereotipadas de representação. O adjetivo

“requentado”, nesse caso, faz referência aos significados de “reaproveitamento”, de “inferioridade” e de “perda de nutrientes”, conforme se estabelece no uso cotidiano da palavra.

“Desenhos Recebidos” e a reprodução dos estereótipos

A concepção de “Desenhos Recebidos” elaborada por Vianna (1995; 1999; 2010) considera que não se sabe de onde as imagens estereotipadas vêm, a partir de quais fontes os sujeitos aprendem sobre elas, para que elas servem e, tampouco, quem as criou. Diante desse desconhecimento que dificulta a investigação sobre qualquer fenômeno cultural, Vianna (1995, p. 57) denuncia que o uso indiscriminado desse tipo de imagem, com ênfase nos espaços escolares, dá-se pelo fato de que simplesmente “[...] gostamos, achamos ‘bonitinhos’, ‘fofinhos’, ‘uma gracinha’”. Esse tipo de julgamento emocionado e superficial poderia ser manifestado e que se deleita com a “beleza” implícita nos aspectos arredondados e adocicados. Por serem familiares e por parecerem inofensivas, as imagens estereotipadas não costumam ser questionadas pelos sujeitos que as produzem e tampouco pelos sujeitos que as consomem.

Conforme são incentivadas a gostar e a admirar os desenhos estereotipados, as crianças, segundo Vianna (1995; 1999; 2010) tendem a copiá-los indiscriminadamente e, aos poucos, vão empregando, em suas produções, os traços, as cores, as formas, os estilemas, os temas e as demais características do estereótipo.

Com isso, as produções infantis tendem a perder as expressões pessoais e as individualidades dos sujeitos que as produzem, e a confiança das crianças tende a ser enfraquecida quando, por exemplo, são incentivadas a desenhar sem uma referência explícita, a qual possam recorrer. Para a autora, as consequências dessa prática dentro das escolas produzem discursos de auto sabotagem, como percebemos, por exemplo, em frases como “eu não sei desenhar” - comumente expressadas por crianças (e mesmo

por sujeitos adultos) que não alcançam determinado tipo de representação gráfico-visual. A isso Vianna (1995, p. 58) responde que “Os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação da criança, inibem sua necessidade expressiva; embotam seus processos mentais, não permitem que desenvolvam naturalmente suas potencialidades”.

Tanto é que esse empobrecimento da percepção e imaginação das crianças mobiliza Vianna (2010) a realizar processos de criação experimentados em um curso oferecido para professores e professoras, entre 1985 e 1992, quando ela desenvolveu uma espécie de táticas de “desestereotipização”, chamadas de *Método de Transformação dos Desenhos Recebidos*.

Vianna (1999; 2010) não chega a esse conceito sem, antes, experimentar outras nomeações. Busca outros adjetivos para se referir aos desenhos estereotipados “endeusados” pelas alunas-professoras e, para isso, parte de diversos pontos de vistas e, para cada um deles, atribuí um adjetivo característico. Por exemplo, referindo-se às visualidades decorrentes das relações entre docentes e estudantes, Vianna (1999; 2010) usa a expressão “Desenhos Oferecidos” ou “Desenhos Impostos” - uma vez é comum, a esse tipo de relação, que, primeiramente, haja uma oferta e que, conforme a repetição desta, transforme-se em imposição. Quando parte do ponto de vista administrativo, Vianna (1999; 2010) adjetiva os desenhos estereotipados como “Desenhos Adequados”, “Desenhos Convenientes” ou mesmo “Desenhos Específicos”, referindo-se à intenção de que as famílias ou responsáveis pelas crianças apreciem e, sobretudo, que aprovem a Cultura Visual estereotipada produzida pela escola. Ao final, decide-se por nomeá-los como “Desenhos Recebidos” em diálogo com as “Ideias Recebidas” do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880).

Dessa forma, a autora denuncia que os desenhos e imagens estereotipadas, amplamente produzidos e celebrados nas escolas, atuam como ideias recebidas, porém, em formato imagético. Assim, Vianna (1999, p. 37, grifos da autora) demonstra que as imagens ofertadas às crianças “[...] não são

outra coisa que *desenhos recebidos* porque eles se revestem praticamente de todas as características que apresentaram as idéias recebidas ao longo da história".

Diante da elaboração realizada pela autora e da contribuição que ela oferece àqueles e àquelas que se interessam por pensar o desenho infantil e os processos de ensino e aprendizagem em relação com as ferramentas próprias de uma época, sentimo-nos provocados a estabelecer diálogos entre o conceito de "Desenhos Recebidos" e as tecnologias digitais contemporâneas que possibilitam a geração e a reprodução de imagens. Nesse exercício, sublinhamos, em especial, o uso da IAG e o conceito de "Desenho Requentado", elaborado por nós amparados nos estudos de Vianna (1995; 1999; 2010) e nas condições de ensino e aprendizagem contemporâneas.

Inteligência Artificial e os estereótipos dos "Desenhos Requentados"

Numa era digital, em que as subjetividades são atravessadas por tecnologias digitais, é possível tematizar as repercussões que esse contexto acarreta para a formação docente e para o cotidiano escolar. A partir da popularização do acesso à IAG, multiplicam-se os perfis e serviços que compartilham e vendem conteúdos pedagógicos, atividades, apostilas e recursos didáticos "prontos" e que, sob a falácia de "facilitar" o trabalho de professores e professoras, acabam constituindo a Cultura Visual escolar. A partir de buscas rápidas, feitas em redes sociais, com descritores como "Recursos Pedagógicos Criativos", "Atividades Pedagógicas Criativas", "Atividades e Recursos Pedagógicos em PDF" e "Recursos lúdicos para Educação Infantil", encontramos perfis com uma média de seguidores entre 5 mil a 100 mil.

Diante do material divulgado por esses perfis, conforme observado na Figura 1, realizamos uma análise de, ao menos, duas frentes distintas em relação à produção, à autoria e à circulação dos conteúdos. De um lado, encontram-se perfis vinculados a professores e professoras que, valendo-se de

ferramentas como a IAG, elaboram e comercializam apostilas e atividades pedagógicas. De outro, localizamos perfis cuja autoria não é objetivamente identificada, o que inviabiliza a verificação da formação e da experiência pedagógica dos sujeitos responsáveis pela produção e pela consequente venda desses materiais didáticos.

Tal cenário provoca questionamentos acerca da legitimidade, da intencionalidade pedagógica e da qualidade dos materiais disponibilizados. Questionamos, nesses casos, não apenas o conteúdo formativo-científico, mas também, e sobretudo, o conteúdo formativo-visual que, em muitos casos, apresenta representações estereotipadas que remetem àquilo que Vianna (1995; 1999; 2010) denuncia como “Desenhos Recebidos”.

Figura 1 – Atividades pedagógicas geradas por IAG



Fonte: Imagens retiradas de perfis públicos do Instagram. Montagem nossa.

Nesse caso, porém, é preciso evidenciar que, no que diz respeito aos aspectos formais, as imagens geradas pela IAG são diferentes dos “Desenhos Recebidos” criticados por Vianna (1995; 1999; 2010). As visualidades que essa tecnologia de informação digital contemporânea faz circular são diferentes

daquelas concebidas a partir de mimeógrafos, papel carbono, impressoras e outros meios de reprodução de imagens comumente utilizados por professores e professoras na transição do século XX para o XXI. As imagens geradas por IAGs, de modo geral, não são estruturadas por linhas pretas simplificadas e a partir das quais se desenham formas esquematizadas para colorir, como são muitas das imagens pedagógicas oferecidas às crianças; e, em alguns casos, não apresentam um uso cromático modesto e despretensioso. Mesmo apresentando aspectos formais tão diferentes daqueles que compõem os "Desenhos Recebidos", ainda assim, paradoxalmente, consideramos que as imagens geradas pela IAG se aproximam deles no que diz respeito a um outro elemento: o estereótipo.

Os registros que integram a Figura 1 demonstram como as visualidades decorrentes das IAGs têm uma estética semelhante entre si. Há uma alta pregnância e um excesso de elementos do qual decorre uma hiperestimulação visual. A ênfase na tentativa de alcançar uma representação mais agradável aos olhos recai no comprometimento de texturas visuais, e todos os elementos parecem ser feitos de uma mesma materialidade. As superfícies das plantas, solos, construções, livros, instrumentos, roupas e mesmo da pele humana perdem as texturas que lhes são características e, de modo similar, assemelham-se ao plástico pelo brilho que recebem. A estranheza que esse tipo de imagem gera está justamente relacionada ao teor artificial daquilo que ela representa e das simulações que tenta provocar. Em alguns casos, as imagens chegam a mostram crianças feitas por IAGs segurando, pintando e interagindo com as imagens feitas por IAGs, numa espécie de metalinguagem que se autorreferencia.

Analisamos, com isso, que esse tipo de uso que se faz das IAGs tem repercutido na promoção de um novo tipo de "modelo" de representação, e logo, de um novo tipo de estereótipo visual, se lembrarmos do sentido etimológico da palavra: "estereótipo, do grego stereos, 'sólido' e typos, 'marca', 'impressão'" (Vianna 2010, p. 62). Para além dos estereótipos identitários - exemplificados nesse caso com as representações pouco superficiais acerca

de feminilidade, de maternidade e das culturas dos povos originários -, preocupa-nos, ainda, um outro elemento. Conforme o gosto visual infantil e a relação das crianças com a Arte (e especialmente com o desenho) são atravessados e mediados por esse tipo de imagem, criada por Inteligência Artificial Generativa – IAG, valorizam-se um excesso, um refinamento e uma assepsia que não só são pouco prováveis de serem alcançados pelas mãos humanas, como são oposta às características típicas da experimentação, das tentativas e da brincadeira que as crianças costumam realizar enquanto aprendem, como explica Susana Rangel Vieira da Cunha (1995), em *Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na Educação Infantil*.

Dessa forma, a problemática levantada de que a IAG reproduz estereótipos é, também, elemento para se pensar nas visualidades que têm sido elaboradas, socializadas e valorizadas em espaços escolares, uma vez que essa ferramenta tem se tornado cada vez mais popular entre diferentes pessoas, dentre elas, os e as docentes. As IAGs, como explica Lucia Santaella (2025) em *A ética como guia para o uso da Inteligência Artificial Generativa*, operam a partir da alimentação contínua de grandes volumes de dados fornecidos por diversas culturas. Conforme a autora, contudo, as IAGs generalizam a diversidade das culturas de acordo com os padrões hegemônicos estabelecidos pelas empresas que as financiam, e com os enunciados elaborados pelos sujeitos que as utilizam.

A partir disso, retomamos os estudos de Vianna (1995; 1999; 2010) e a problematização que ela realiza diante das visualidades estereotipadas elaboradas nos contextos escolares, a partir de ferramentas e recursos que proporcionam a reprodução de “Desenhos Recebidos”. Para além dos *poncifs*, dos papéis carbono e seda, dos mimeógrafos, dos xerox, dos *scanners,* das impressoras e de demais tecnologias utilizadas por professores e professoras tradicionalmente, sob condições contemporâneas, poderíamos acrescentar, a essa lista, as Inteligências Artificiais Generativas. Inclusive, diante dos usos genéricos e superficiais que os e as profissionais da educação têm feito dessa ferramenta para gerar e adquirir imagens escolares estereotipadas, propomos

um outro conceito que dialoga e se ampara nos “Desenhos Recebidos” de Vianna (1999; 2010). Nesse caso, referimo-nos ao conceito de “Desenhos Requentados”, levando em consideração as tecnologias digitais contemporâneas de geração de imagens.

Nesse exercício de atualização do conceito de Vianna (1999; 2010), decidimos chamar os desenhos gerados pelas IAGs de “Desenhos Requentados” numa associação metafórica que se remete à falsa ideia de “novidade”, produzida por essas tecnologias digitais - já que para a geração de uma imagem, as IAGs se utilizam da generalização de diversos dados. Conforme o Dicionário Online de Português, o adjetivo “requentado” pode significar “[...] alimento que se aqueceu por mais de uma vez: sopa requentada” ou “[...] notícia de fato já conhecido, que se quer dar como novo” (Requentado, 2026). Por outro lado, o termo deriva da flexão do verbo “requentar”, formado pela junção do prefixo “re-”, que indica repetição, retorno ou ação reiterada, ao verbo “aquentar”, por sua vez, relacionado ao ato de “tornar quente, aquecer” (Aquentar, 2026). Dessa forma, a estrutura etimológica da palavra evidencia a ideia de fazer, novamente, algo que já foi realizado antes e evoca a noção de praticidade e otimização de tempo.

Assim, “requentado” designa, em seu sentido direto, aquilo que foi submetido a um novo aquecimento, preservando traços de sua condição anterior. No entanto, o acréscimo do prefixo “re-” não apenas indica repetição, mas, também, sugere uma certa distância em relação ao estado “original”, “novo”, “fresco”. O adjetivo escolhido para caracterizar os desenhos pedagógicos gerados por IAGs evidencia que, nesses casos, não se trata exatamente da “criação” de uma imagem “nova”, “original” e “autoral”, mas, sim, do aproveitamento daquilo que já fora elaborado antes, e que está sendo reapresentado numa outra configuração.

Além disso, sublinhamos que o uso do verbo “requentar”, no senso comum, remete ao processo a partir do qual os alimentos já prontos - e que devido a ação do ambiente e do tempo esfriaram -, são aquecidos novamente. Nesse processo de reaquecimento, inevitavelmente, o alimento perde o seu

“frescor”. No campo da gastronomia, a palavra “requentar” é associada à prática popular do ato de reaproveitar comidas já preparadas. Historicamente, o hábito de armazenar alimentos para consumo no dia seguinte se consolidou como um costume cultural de grupos marginalizados, mediante a necessidade de trabalhadores e trabalhadoras pouparem o tempo gasto no preparo diário de suas refeições.

Nesse mesmo contexto, o ato de requentar pode sugerir conotações positivas e negativas. Por um lado, está associado ao aproveitamento integral dos alimentos, à redução do desperdício e à otimização de recursos, além de, em alguns casos, favorecer a intensificação de sabores em preparações como caldos, molhos e ensopados. Por outro, “requentar” pode ser relacionado à perda de frescor, à alteração da textura e à diminuição da complexidade sensorial, tornando os alimentos mais insossos ou menos atrativos, bem como ao possível empobrecimento do valor nutritivo, decorrente de sucessivos reaquecimentos, como ocorre com carnes, massas, legumes, grãos e, principalmente, no café. É em diálogo com essa segunda concepção e entendimento da palavra “requentado” que propomos o emprego dela no conceito “Desenhos Requentados”.

A partir dessa base etimológica e simbólica, o termo amplia seus significados para além do campo literal, adquirindo usos metafóricos em diferentes contextos discursivos. Em sentido figurado, “requentado” passa, então, a desqualificar ideias, produções e conteúdos, não por marcá-las como não “inéditas”, como “não autorais” e como “não autênticas”, mas por sublinhar a perda do envolvimento e da potência criativa que requer o processo de criação. No caso das imagens, essa desqualificação se apresenta de maneira mais severa, pois a reincidência de “Desenhos Requentados” em espaços escolares, tira, do trabalho com Arte, elementos que - tais como a subjetividade, a criatividade, a tentativa e erro e o desenvolvimento - o caracterizam.

Considerações

Ao decorrer do artigo, retomamos os estudos de Vianna (1995; 1999; 2010), investigando como a autora problematiza os estereótipos visuais ensinados às crianças, denominando-os como “Desenhos Recebidos”. A partir disso, desenvolvemos o conceito de “Desenhos Requentados”, considerando os avanços das tecnologias digitais - em especial, as IAGs - e as disputas que essas ferramentas provocaram nos processos de ensinar e aprender sobre e com imagens no contexto escolar. Verificamos que, através do uso generalizado das ferramentas digitais para a geração de atividades e apostilas pedagógicas, a IAG reproduz, com uma nova roupagem, os estereótipos que já caracterizam a Cultura Visual escolar e que, desde do século passado, tem sido criticado e problematizado por autores e autoras que se preocupam com uma educação para ler imagens (Vianna, 1995; 1999; 2010; Cunha; 1995).

Em uma entrevista concedida pela pesquisadora e artista paulista Giselle Beiguelman (1962--) a Giovanna Castro, publicada no Nexo Jornal, encontramos um outro olhar, mais positivo, no que diz respeito ao uso da IAGs. Na entrevista intitulada *IA na arte possibilita mudar o imaginário colonialista*, Beiguelman (2025) chama atenção para os modos inventivos como os e as artistas têm utilizado a IAG em suas produções. Ainda que reconheça as polêmicas que o uso desse tipo de ferramenta provoca – como quando pensamos nos direitos autorais de artistas e no impacto ambiental, por exemplo – Beiguelman (2025) sublinha possibilidades positivas em que o uso da IAG pode desempenhar resistências e criar relações contra-hegemônicas entre Arte e memória.

Nesse ponto, Beiguelman (2025) menciona o trabalho da artista baiana Mayara Ferrão (1993--), que, em suas produções, recorre a esse tipo de tecnologia digital para gerar imagens. Como vemos na série *Álbum dos Desequecimentos* (2024), em destaque na primeira linha da Figura 2, as obras de Ferrão parecem ser fotografias antigas. Essa sensação é asseverada pelos tons de cinza ou sépia, pela baixa qualidade de resolução, pelas marcas de manuseio deixadas na materialidade do papel e mesmo pelas poses e

enquadramentos típicos de um costume do passado. Nesse caso, contudo, as cenas registradas nas obras de Ferrão não documentam momentos que existiram exatamente. Tratam-se de imagens criadas a partir de IAG e que simulam fotografias antigas, de um passado idílico e utópico, em que mulheres negras e mulheres indígenas poderiam trocar afetos e celebrá-los publicamente.

Figura 2 – Artistas e suas relações com a IAG



Fonte: Beiguelman (2025). Montagem nossa.

A perspectiva decolonial chama atenção para o modo como as subjetividades e os saberes são (trans)formados visualmente, assim, a produção de Ferrão sublinha o apagamento que a violência conferiu às vidas e às histórias das mulheres lésbicas e racializadas. Diante do trabalho de Ferrão, Beiguelman (2025, s/p) comenta que “A IA é um lugar de disputas narrativas que permitem, por exemplo, a criação de arquivos que não existem para narrativas que ficaram emudecidas”.

Concordamos com Beiguelman (2025) no que diz respeito à necessidade de desenvolver pensamentos acerca de como seguir criando, lendo e interpretando imagens, em um contexto de tecnologias digitais em disputa. Especialmente sobre as IAGs, na perspectiva da artista, essa não é apenas uma ferramenta, mas sim um dispositivo e, como tal, funciona a partir de uma dinâmica específica e a partir da qual lê e opera a realidade. Dito isso,

é importante perceber que quando as pessoas – professores e professoras, artistas, pais, mães e crianças - usam plataformas de IAG para gerar imagens, estão, inevitavelmente, participando do treinamento dessas máquinas e reforçando seus modos de funcionamento. Com isso, há o risco de a lógica se inverter, e de as pessoas – seus gostos, suas concepções de beleza, suas preferências e seu entendimento sobre o que é "normal" ou não – serem treinadas pelas IAG, e não o contrário. Para que isso não aconteça, Beiguelman (2025) enfatiza que é fundamental que as pessoas recorram a IAGs para gerar textos e imagens dissidentes da lógica dominante a partir da qual ela opera. É necessário subverter a lógica de funcionamento de tal dispositivo, desestabilizando-a a gerar imagens diferentes daquelas solicitadas por uma perspectiva hegemônica.

A alternativa apresentada por Beiguelman (2025) oferece significativas reflexões ao tema que problematizamos nesta pesquisa. Longe de chegar a considerações maniqueístas a respeito do uso de IAGs para o planejamento pedagógico e, em especial, para gerar imagens a partir das quais crianças, professores e professoras são ensinados a constituir seus gostos, interessa-nos pensar em meios para que o emprego de novas tecnologias digitais não recaia na criação do mesmo tipo de imagens: os estereótipos já tão conhecidos pelos sujeitos e espaços da Educação Básica brasileira.

Por fim, compartilhamos que as percepções apresentadas neste texto têm sido alcançadas e defendidas coletivamente, em nossa participação no Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI, vinculado à Universidade Estadual de Maringá e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Criado em 2019, o Grupo ARTEI realiza pesquisas, organiza publicações e oferece exposições de Arte que, em comum, tematizam os modos como, na contemporaneidade, os sujeitos olham e são olhados a partir de imagens. Mais recentemente, com a proposição do Projeto de Pesquisa *Imagens criadas com Imagens: Arte, Educação e Cultura Visual* (Baliscei, 2025-2030), as ações do Grupo ARTEI se voltam, especialmente, para os

processos a partir dos quais as se criam imagens em associação com outras. Exemplos disso são o artigo *Entre Botticelli e Beyoncé – os (re)nascimentos de Vênus: citacionismo de imagem na cultura visual contemporânea* (Baliscei; Zanin, 2026).

Referências:

AQUENTAR. *In*: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2026. Disponível em: https://www.dicio.com.br/aquentar/. Acesso em: 26 abr. 2026.

BALISCEI, João Paulo. **Imagens criadas com Imagens**: Arte, Educação e Cultura Visual. Projeto de Pesquisa. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil. 2025-2030.

BALISCEI, João Paulo; PAULINO, Maria Fernanda Serrilho de Abreu. Memetizando em sala de aula: memes, leitura de imagem e desafios da educação contemporânea. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 16, n. 38, p. 1–22, 2024. DOI: 10.5965/2175234616382024e0005. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/24471. Acesso em: 4 jun. 2026.

BALISCEI, João Paulo; ZANIN, João Pedro. Entre Botticelli e Beyoncé – os (re)nascimentos de Vênus: citacionismo de imagem na cultura visual contemporânea. **Cartema**, Recfe, v.16, n.16, 1–19, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.51359/2763-8693.2026.269677. Acesso em 05 de jun. de 2026.

BEIGUELMAN, Giselle. **'IA na arte possibilita mudar o imaginário colonialista'.** [Entrevista concedida a] Giovanna Castro. Nexo Jornal, 27 jan. 2025. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2025/01/27/ia-na-arte-possibilita-mudar-o-imaginario-colonialista. Acesso em: 22 abr. 2026.

BORRE, Luciana. **As imagens que invadem as salas de aula**: reflexões sobre a cultura visual. Aparecida: Idéias & Letras, 2010.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. *In*: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1995, p. 7-36.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Imagens na Educação Infantil como Pedagogias Culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2014, p.199-224.

REQUENTADO. *In*: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2026. Disponível em: https://www.dicio.com.br/requentado/. Acesso em: 26 abr. 2026.

SANTAELLA, Lucia. A ética como guia para o uso da Inteligência Artificial Generativa. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 46, p. 1-11, 2025.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?. **Advir**, Rio de Janeiro, n.5, p. 55-60, 1995.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. Das “Idées reçues” francesas aos “desenhos recebidos” brasileiros. **Revista Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, v. 11, p.35-43, out. 1999.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. **Desenhando com todos os lados do cérebro**: possibilidades para transformação das imagens escolares. Curitiba: Ibpex, 2010.

Nome do Autor: João Pedro Zanin
Minibiografia: Graduado em Design Gráfico (2022) pelo Centro Universitário Cidade Verde (Unicive). Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI, desde 2023, grupo junto ao qual desenvolve pesquisas sobre Educação, Arte/ Ensino de Arte; Estudos Culturais; Estudos da Cultura Visual; Visualidades; Citacionismo e Arte Contemporânea. Foi bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC (2024) com o projeto "'Mona, você é maluca?': Referências de Arte na Cultura Popular e da Cultura Popular na Arte Contemporânea". Desenvolve o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado “‘Desenhos Requentados’: Estereótipos e o uso da Inteligência Artificial na produção de Imagens Pedagógicas”.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6217841153797573
E-mail: ra131263@uem.br

Nome do Autor: João Paulo Baliscei
Minibiografia: Arte-Educador. Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá – UEM, com estudos na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona, Espanha. É professor no curso de Artes Visuais na UEM. É coordenador do Subprojeto Interdisciplinar (Pedagogia Campus Sede, Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela CAPES/CNPq. Além disso, desde 2019, coordena o Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI. Desenvolve pesquisas sobre Arte-educação, Estudo da Cultura Visual, Estudos Culturas e Práticas de Imagens Criadas com Imagens.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/6980650407208999
E-mail: jpbaliscei@uem.br

ZANIN, João Pedro; BALISCEI, João Paulo. A TRANSFORMAÇÃO DOS “DESENHOS RECEBIDOS” EM “DESENHOS REQUENTADOS”: (RE)PRODUÇÃO DE IMAGENS ESTEREOTIPADAS A PARTIR DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE ISSN 2359-6120. Montenegro: Editora da FUNDARTE, e1926, Ano 2026